

Globalização, um Instrumento de Manutenção do Sistema Capitalista

Isaac Caíres

RESUMO: O Sistema Capitalista é um “mutante”, pois não passam dois períodos consecutivos sem que alguma transformação sócio-econômica planetária aconteça. É o modo de produção mais renitente que se conhece, já perdurando por mais de dez séculos, mesmo passando por profundas transformações.

Este pequeno ensaio tem por objetivo mostrar, em caráter superficial, como uma estrutura social e econômica pode ser tão sólida, por atravessar os séculos e, ao mesmo tempo, tão frágil, a ponto de desencadear crises, falências e caos social na vida das populações. Certamente que possuindo uma longevidade, não é mais o mesmo desde o momento que se configurou como um sistema econômico até os dias de hoje, e no decorrer dos próximos séculos, também se transformará, não sabemos como, mas com certeza, o processo de mundialização presente está a contribuir para estas mudanças, isto podemos ter certeza.

INTRODUÇÃO

Mais que uma nova fase do Capitalismo Mundial, a globalização representa, por si só, um fenômeno pautado pelo processo econômico, com profundos reflexos, tanto no social, como no cultural e político. Trata-se de uma ruptura de padrões e postulados que cria um clima de incerteza planetária.

O agravamento das injustiças no mundo é outra conclusão obtida do estudo da globalização, tanto em países que estão inseridos no processo, como aqueles que são meros expectadores da montagem da Nova Ordem Mundial.

A concentração de capital e conhecimento nas mãos das grandes empresas, o enfraquecimento dos Estados Nacionais e a consequente fluidez da situação global são outros pontos importantes que o estudo da globalização oferece.

A situação do emprego no mundo é alarmante. Em todo o planeta o já enfraquecido mercado de trabalho, passa por profundas transformações, muitas delas traumáticas, causadas pela globalização e pelo fantástico progresso tecnológico dos últimos vinte anos.

O atual processo de acumulação capitalista prega o uso intensivo da informação, a horizontalização das grandes unidades produtivas e o sistema de produção flexível, provocando mudanças relevantes nas relações com fornecedores. Exige, ainda, transformações rápidas no *mix*, demandando reduzido mercado de trabalho. Dos trabalhadores que ficam, exige-se grande variedade de habilidades: flexibilidade, soluções criativas, alto grau de engajamento na empresa e capacidade para tomar conhecimento de todo o processo produtivo.

Certamente que, estabelecer um horizonte de delimitação e ação para o capitalismo e a intensidade de atuação de seus mecanismos no futuro, é estar incorrendo em grave engano, como se uma “bola de cristal” tivéssemos e tudo estaria resolvido.

Sendo esta estrutura dinâmica, o mais astuto dos analistas incorreria em grosseiro erro, caso desejasse “adivinhar”. Observemos e vivamos um dia pelo outro, sem, no entanto, deixarmos de ficar atentos para o que o Sistema Capitalista e seus instrumentos nos reservam.

1. A NOVA ORDEM MUNDIAL

1.1 Um Breve Histórico

Antes do Capitalismo, a economia era basicamente de subsistência. As atividades de compra e venda eram pouco desenvolvidas. Os produtos, artesanalmente fabricados, destinavam-se, sobretudo, à utilização direta do homem. Na maior parte dos casos, não possuíam valor de troca, mas apenas valor de uso.

Essa tendência apareceu de modo mais notável em alguns períodos: nos séculos XV e XVI, ocorreu a internacionalização do capital mercantil, por ocasião da chamada Revolução Comercial, na segunda metade do século XIX. No contexto da Revolução Industrial, deu-se a internacionalização do capital financeiro (BEAUD, 1989).

A ascensão do capitalismo, impulsionado pela intensa industrialização, que marcou os séculos XVIII e XIX, é a própria constituição do

processo de modernização, por isso, palavras como, *capitalismo* e *modernização* se confundem, embora a primeira tome como principal referência os aspectos econômicos, apesar de envolver também outros enfoques. Segundo Castells (1999), o Capitalismo constituiu-se, ocasionalmente em algumas regiões do planeta. A Europa Ocidental foi o seu berço. Hoje, sabe-se que se trata de um sistema mundial. Quando a modernização capitalista surge no seio da sociedade, a partir de forças internas, como no caso da Europa, tem significados e consequências muito diferentes dos que se verificam no caso de sociedades e que essa modernização foi trazida de fora para dentro.

1.2 A Exclusão Social

O modelo econômico capitalista, consolidado pelo mecanismo da globalização, passou a mostrar sua atual fisionomia a partir do final da década de 70/80, com os governos Thatcher, Inglaterra e Reagan, EUA, quando, então, se fazia necessário seguir todo um receituário da estrutura neoliberal.

Nesta fase de transformação, as principais características sistêmicas, passaram a ser, entre outras:

I – A redução das atividades econômicas do Estado, frente à economia de mercado (Privatizações).

II – “Ondas” de desemprego – Muitos funcionários, antes estatais, com as privatizações, ficaram sem emprego.

III – Flexibilização o Mercado de Trabalho.

IV – Aprofundamento das desigualdades sociais.

V – Extinção de algumas profissões/cargos existentes no mercado de trabalho.

VI – Automação do processo produtivo.

VII – Exclusão social, não só nas nações centrais, mas também nas periféricas.

Conforme uma reportagem concedida pelo economista Gilberto Dupas (Instituto de Estudos Avançados da USP) ao Jornal O Estado de São Paulo, acerca da exclusão social:

“A lógica da globalização e do fracionamento das cadeias produtivas, tendência determinante e adequada à pujança do capitalismo contemporâneo, incorporou os bolsões de trabalho barato mundiais, sem necessariamente

te elevar-lhe renda. Os postos formais crescem menos rapidamente que os investimentos diretos. E se [...] surgem oportunidades bem remuneradas no trabalho flexível, o setor informal também acumula trabalho muito precário e a miséria. As grandes corporações transnacionais, responsáveis pelo desenvolvimento das opções tecnológicas, reforçam com elas o desemprego estrutural alegando que sua missão é competir e crescer e não criar empregos”.

Segundo relatórios do Banco Mundial e da F.A.O., no planeta, são 1 bilhão e 500 milhões que vivem na miséria absoluta e cerca de 2 bilhões e 100 milhões de pessoas, que vivem abaixo da linha da pobreza. É um dos quadros típicos da exclusão social.

1.3 GLOBALIZAÇÃO: Uma nova face, uma antiga história.

Diante de todas essas transformações que o sistema capitalista trouxe em sua essência, desde o seu surgimento, possibilitando em diversas épocas uma integração mundializada entre as nações e os povos, ocasionando mudanças conjunturais e estruturais tão profundas, principalmente no mercado de trabalho, em face de novas tecnologias, nunca é demais lembrar as principais mudanças e fundamentos que caracterizam o capitalismo na modernidade. Segundo Furtado (2000), seriam:

- Introdução de uma economia de regras sistêmicas de crescimento e de aumento da produtividade do trabalho.
- Introdução de tecnologias avançadas na produção econômica – inovação tecnológica.
- Acúmulo da riqueza, alterando as fontes do poder político tradicional.
- Subordinação definitiva dos trabalhadores ao mercado.
- Internacionalização da economia.
- Tecnicização dos transportes e das comunicações, estabelecendo o fim do isolamento das sociedades.

Durante a década de 90, ocorreram mais transformações nas estruturas sócio-política e econômica mundial do que propriamente nos últimos 50 anos (HOBS BAWN 1998).

Pode-se constatar um conjunto de novos fatos e acontecimentos ocorrerem, levando economias a grandes transformações.

Conforme comenta Sanches (2001:25-27), o fim das barreiras comerciais entre alguns mercados, tem ampliado os investimentos internacionais e a aliança entre países e empresas. Isso faz parte de um contexto mais amplo que tomou forma com a aplicação das ideias neoliberais.

Atualmente nesse moderno cenário de globalização, grande parte das empresas multinacionais tem maior parte de seu retorno fora de seus países de origem.

Segundo ALBERT ¹:

“Para as multinacionais, o local de investimentos é uma escolha que pode levar em consideração diversas razões: a) a especialização e o preço da mão-de-obra; b) a cobrança, pelos governos, de impostos e taxas sobre as atividades produtivas; c) a potencialidade dos mercados internos dos países ou sua proximidade de outros mercados; d) as facilidades concedidas para exportação e importação de mercadorias e serviços”.

A estrutura produtiva das multinacionais, neste início de milênio, também se diferencia bastante do modelo tradicional. A nova estrutura de produção mundial, comandada pelo capital internacional, foi possível graças à informatização do processo produtivo.

O desenvolvimento da tecnologia das comunicações, além de integrar países e empresas e dar à informação uma abrangência mundial, tornou os investimentos financeiros, praticamente instantâneos e o mundo dos negócios passou a funcionar vinte e quatro horas por dia (JAMESON, 2001: 136-137).

Com essas inovações, as nações ficaram cada vez mais vulneráveis. Tem se falado muito na necessidade de uma reestruturação do SISTEMA FINANCEIRO INTERNACIONAL, que, dependendo da forma como seja feito, tornaria as economias nacionais menos vulneráveis ao capital especulativo. Segundo reportagem da revista VEJA²:

¹ ALBERT, Michel. Capitalismo x Capitalismo. São Paulo: Fundação FIDES/Loyola, 1992.

“(...) Os negócios financeiros do mundo estão nas mãos de todos e de ninguém, em particular. Atingiu-se um estágio em que o Capitalismo não tem mais danos, os países não têm mais fronteiras para o dinheiro e as transações são instantâneas (...)”.

“(...) O que é fundamentalmente inédito é o tamanho do bolo e ritmo com que o dinheiro muda de lugar quando alguma coisa incomoda. Os volumes de recursos em poder dos mercados são tão grandes, que não existem riquezas materiais capazes de se comparar com suas dimensões. Giram hoje, no mercado de ações, cerca de US\$ 32 trilhões (...)”.

O conjunto das mudanças apontadas indica a reestruturação de uma economia globalizada. O crescimento do comércio internacional, nas últimas décadas, atingiu níveis sem precedentes. Não se trata apenas de um mercado capitalista desde sua formação. O que caracteriza este início de milênio é a formação de uma economia mundializada. Neste sentido, o mundo bipolar foi substituído por um mundo multipolar.

2 – ECONOMIA MUNDIAL, “SOCIEDADES EM REDE” OU “NOVA ECONOMIA”

2.1 Tecnologia: seus impasses e perplexidades.

Vê-se com frequência, que as tecnologias de comunicação estão provocando profundas mudanças em todas as dimensões de nossa vida, mas, na essência, não são tecnologias que mudam a sociedade, mas a sua utilização dentro do modo de produção **CASTELLS (1999)**, hoje, essencialmente capitalista, em que há busca pelo lucro, pela expansão e pela internacionalização de tudo o que tem valor econômico.

O capitalismo visa inicialmente o lucro. Tanto as tecnologias – o hardware – como os serviços que elas propiciam – os programas de utilização – crescem pela organização empresarial que está por trás e que os torna viáveis, em uma economia de escala, isto é, quanto maior a sua expansão no mercado mundial, mais barata se torna, e, com isso, mais acessível.

As tecnologias viabilizam novas formas produtivas. As redes de comunicação permitem o processo de distribuição “*just in time*”³, permitem a produção compartilhada, permitindo o aparecimento do tele trabalho (poder estar conectado remotamente à sede da empresa e a outros setores, situados em lugares diferentes).

Tudo isto, segundo **CARMO (1992, p. 136 – 142)**, são formas de expressão da expansão capitalista na busca de novos mercados, de racionalizar custos, de ganhar mais o que implicou diretamente na expansão do mercado de tecnologia e na aparição de diversas frentes de trabalho nesse setor.

CASTELLS⁴ defende que a emergência da economia informacional é caracterizada pelo desenvolvimento de uma nova lógica organizacional e esta relacionada com o atual processo de transformação tecnológica. De início, foi possível assistir ao processo de desintegração do modelo de organização vertical, característico das grandes organizações. Seguidamente, faz a sua aparição numa diversidade de novas formas organizacionais e respectivas expressões culturais, contudo, redutíveis a uma matriz comum – todas são baseadas em redes.

Conforme nos coloca **BRAUDEL (1987)**:

O final do séc. XX foi marcado por impasses, perplexidades. As reflexões giram em torno de mudanças em todos os níveis sociais. A sociedade parece viver em escala global e mais do que nunca, uma série de profundas transformações (...). Cabe a reflexão, no entanto, de que a destruição do passado, isto é, a destruição dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal às das gerações passadas, tem sido uma característica desta virada do século.

Se por um lado observamos que o sistema capitalista é mutante, que o processo de mundialização das relações é inexorável, acontecendo, mesmo que esta mundialização já se teve outras oportunidades de presenciá-la, de outras maneiras, em outros séculos, não é por tudo isto que ficamos menos perplexos, pois as mudanças tais quais estas, nunca se viu, não as mudanças em si, mas a forma e a rapidez como estão acontecendo.

³ Distribuição em tempo real e com baixos estoques.

⁴ CASTELLS, Manuel. O poder da informação: economia, sociedade e cultura, vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

Do ponto de vista da percepção do cidadão comum, a última década e este início de século, pertencem à mudança. Não só mais mudanças estão acontecendo e mais rápido, mas também as percepções dessas mudanças se tornam mais aguda pela simultaneidade entre acontecimento e notícia propiciada pela Tecnologia da Informação (T.I.).

A “nova economia”, sendo global, não contempla a totalidade dos países e pessoas, ainda que afete direta ou indiretamente a vivência da humanidade como um todo. Apesar de seus efeitos se fazerem sentir por todo o planeta, apenas alguns segmentos da atividade econômica, bem como alguns países e regiões, fazem parte da sua estrutura, em uma proporção que varia de acordo com a posição do país ou região na divisão internacional do trabalho (D.I.T.) (CASTELLS, 2000).

A economia global emergente caracteriza-se pela sua interdependência, assimetria, regionalização, a crescente diversificação dentro de cada região, inclusão seletiva e exclusão para os desqualificados.

2.2 O contexto mundial ditado pela Informação

Um ponto importante a considerar, no atual contexto mundial, são as desigualdades ⁵.

As transformações não se dão, nem podem se dar, de forma homogênea sobre um conjunto heterogêneo de culturas, riquezas naturais, sistemas políticos e diferenciadas capacidades produtivas. O quadro 1 a seguir exemplifica algumas diferenças marcantes, comparando: RENDA PER CAPITA, PORCENTAGEM DE ANLAFABETOS e ACESSO AO SAANEAMENTO BÁSICO, em diferentes países do mundo.

Quadro 1

País	Renda P/Cápita US\$	% Analfabetos Adultos	% Pop C/Saneamento
Suíça	40.630	< 5%	100
Eua	36.980	< 5%	85
Brasil	8.300	17%	73
Índia	590	48%	29
Moçambique	220	60%	23

Fonte: Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial – Bird 2007.

Outro ponto marcante presente na passagem para a Era do Conhecimento é o desempenho tecnológico⁶.

Sob o aspecto da inovação, um intenso debate tem se travado em torno das implicações desse processo para o ser humano em geral e o trabalhador em particular. Há um conflito de visões. De um lado, uma visão pessimista em que o homem é substituído pela máquina, com consequente redução do emprego.

De outro lado, numa posição otimista em relação às aplicações das novas tecnologias, aponta-se para a liberação do ser humano das tarefas menos nobres (braçais e repetitivas) e sua dedicação às funções mais elevadas (análises, culturais e lazer), em virtude da produtividade e do tempo livre.

Segundo SCHAF (1990), graças à tecnologia e às conexões eletrônicas entre clientes e fornecedores, está havendo uma redução de custos de negociação e uma facilidade maior para a otimização das transações, numa nova abordagem de parceria nas cadeias de valor agregado.

2.3 O Novo Padrão Técnico-Econômico

O novo padrão técnico-econômico, que teve início nas duas últimas décadas do século passado, é identificado pela produção diferenciada, ao contrário do padrão anterior, marcado pela produção em série e conhecido pelo modelo do TAYLORISMO e FORDISMO, que orientou o sistema produtivo capitalista até aproximadamente o início da década de 1970. Conforme PIRES (1992)⁷ relata, esse novo padrão tem no uso da informação e do conhecimento, a partir das novas tecnologias de informação e comunicação, a possibilidade de fugir dos problemas de rigidez do Fordismo típicos do padrão e de adotar novas bases que ofereçam alternativas para o crescimento econômico.

⁵ Neste item, de nosso artigo, fazemos alusão às novas técnicas informacionais, tentando dar a entender que o homem gera novas tecnologias a fim de tornar sua própria vida e a de seus semelhantes, mais equânime. Da mesma forma, na Ciência Econômica, quando um Plano de Estabilização é criado, é com o objetivo de minimizar a pobreza e as desigualdades sociais. Se assim não acontece, por mais “mirabolante” que este Plano seja, de nada faz sentido.

⁶ É aquele que ocorre em razão da implantação de novas tecnologias com automação, fazendo com que ocorra a redução de postos de trabalho.

⁷ PIRES, H.F. As metamorfoses tecnológicas do capitalismo no período atual. Revista Terra Livre, nº. 9, São Paulo, AGB, 05/1992.

A partir desta nova dinâmica de relacionamento científico e tecnológico, que reflete a nova **fisionomia sistêmica** ⁸, **ALBAN (2002)** aponta para novas transformações:

- A vinculação cada vez mais estreita entre desenvolvimento científico e tecnológico, onde a ciência deixa de ser uma instituição social e econômica heterodoxa para desempenhar um papel estratégico como força produtiva.
- A mescla/simbiose entre ciência, tecnologia e poder – do Estado e do Capital – incorporando o progresso científico tecnológico da esfera pública, ao mesmo tempo em que torna os novos conhecimentos científicos e tecnológicos, objetos de crescente privatização pelos grandes agentes econômicos.
- A progressiva inserção da ciência e da tecnologia no funcionamento cotidiano das sociedades.

Dentre as características sociais do segmento do novo padrão, está a questão das consequências sobre o trabalho e sobre sua gestão. **CASTELLS (2000)** caracteriza a questão das transformações no trabalho dentro da nova sociedade, principalmente a dos países mais desenvolvidos, pela diminuição drástica do emprego industrial e rural, e o crescimento do setor de serviços, pelo surgimento de novas profissões.

BEAUD (1991) nos diz que nesse modelo, as ferramentas podem até estar ao alcance de muitos, mas o conhecimento continua a ser concentrado nos países que estão na dianteira da implantação do novo padrão técnico-econômico, o que é visível através do número de registros de propriedade intelectual nesses mesmos países.

Para **Lojkine** ⁹, essa transformação no trabalho, se produz na medida em que o novo padrão caracteriza-se pelo enriquecimento de funções cerebrais abstratas nas máquinas, o que acaba por deslocar o objetivo primário do trabalho humano da manipulação para o tratamento de informação.

As principais questões associadas ao trabalho, na nova economia, se referem ¹⁰:

⁸ Fisionomia Sistêmica: trata-se do moderno sistema capitalista globalizado em rede.

⁹ Lojkine, Jean. A revolução informacional. São Paulo: Cortez, 1995.

¹⁰ IDEM.

- Ao aprendizado
- Ao desemprego
- À flexibilização

As características citadas acima delineiam que a nova economia baseada no conhecimento será caracterizada pela: velocidade de evolução dos saberes, à massa de pessoas convocadas a aprender a produzir novos conhecimentos e, enfim, ao surgimento de novas ferramentas. Para **FORAY & LUNDEVALL**¹¹, constituem na formação da Economia do Aprendizado, caracterizada pela forte aceleração do processo de aprendizagem e de mudança.

Segundo CASTELLS, o desempenho deverá depender das opções que cada sociedade escolher no que se refere a¹²:

- Taxa de utilização de novas tecnologias;
- Política de imigração;
- Planejamento familiar;
- Regulamentação do trabalho.

A flexibilização do trabalho é outra questão importante de todo este quadro de transformações. As características do novo trabalhador, o tele trabalho, a presença de uma massa de trabalhadores disponíveis, geram uma nova dinâmica de emprego, agora mais instável, decorrente da flexibilidade (LACERDA, 1998).

Nesse cenário, ressurgem a antiga divisão do trabalho, com a destruição das garantias vitais.

Forma-se, então, um novo padrão econômico, mais especializado pela necessidade do sistema produtivo, mais instável pelas desregulações requeridas e mais caóticas, pela velocidade das relações vivenciadas.

3. CONCLUSÃO

Ao concluirmos este artigo, acerca desta nova faceta da estrutura capitalista, ficamos ao mesmo tempo curiosos e céticos com relação às quais futuras modificações sistêmicas que ainda hão de vir. O que o Capitalismo nos reserva?

¹¹ FORAY & LUNDEVALL apud CASTELLS, Manuel. O Poder da Identidade (A Era da Informação).

¹² CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

Podemos ter a certeza que a globalização representa um novo ciclo de relações interindividuais em um mundo crescentemente integrado e automatizado, por outro lado, também representa um novo conjunto de variáveis às quais o ser humano está sendo submetido.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, entende-se por desemprego estrutural aquele desemprego em que a vaga de trabalho é definitivamente substituída por um processo mecânico ou então devido a uma reorganização do esquema de trabalho, é eliminada definitivamente.

Tratando-se de fato que gera enorme intranquilidade social, o desemprego tem sido alvo de políticas sociais na maioria dos países do mundo, porém, também é “caldo de cultura” de outros reflexos sociais da globalização.

Portanto, pode-se concluir que a globalização é o conjunto de transformações, na ordem política, social, cultural, econômica mundial que vem acontecendo nas últimas décadas. O ponto central da mudança é a integração dos mercados numa “aldeia global”, explorada pelas grandes corporações internacionais. Os Estados abandonam gradativamente as barreiras tarifárias para proteger sua produção da concorrência dos produtos estrangeiros e abrem-se ao comércio e ao capital internacional.

Esse processo tem sido acompanhado de uma intensa revolução nas tecnologias da informação – telefones, computadores, televisores, DVD’S, IPOD’S.

As fontes de informação também se uniformizam devido ao alcance mundial e à crescente popularização dos canais de televisão por assinatura e da Internet. Isso faz com que os desdobramentos da globalização ultrapassem os limites da economia e comecem a provocar uma certa homogeneização cultural entre os países.

A crescente concorrência internacional tem obrigado as empresas a cortar custos, com o objetivo de obter preços menores e qualidade alta para os seus produtos. Nessa reestruturação, estão sendo eliminados vários postos de trabalhos, tendência que é chamada de desemprego estrutural. Uma das causas desse desemprego é a automação de vários setores em substituição à mão de obra humana.

Sendo o título deste artigo: “Globalização, um instrumento de manutenção do Sistema Capitalista”, diante de todo este quadro de dinamicidade que vivemos, certamente que não poderia haver outro título mais sugestivo que este, ou seja, o sistema só se mantém em razão da existência de mecanismos/instrumentos que o alimentem. ◆

REFERÊNCIAS

- BEAUD, M. Historia do Capitalismo de 1500 aos nossos dias. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CASTELLS, M. A Sociedade em rede. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FIORI, J.L. Globalização: o fato e o mito. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.
- HOBBSBAWN, E. Era dos extremos: o breve século XX (1994/1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BATISTA JR, Paulo Nogueira. Mitos da “globalização”. Estudos Avançados da USP, nº. 32, p. 125, jan/abr, 1998.
- BIONDI, Aloysio. O Brasil privatizado: um balanço do desmonte do Estado. São Paulo: Fundação Abramo, 1999.
- DOWBOR, Ladislau, IANNI, Octávio, RESENDE, Edgar A. (orgs). Desafios da globalização. Petrópolis: Vozes, 1997.
- DUPAS, Gilberto. Economia global e exclusão social. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FORRESTER, Viviane. O horror econômico. São Paulo: Ed. da Unesp, 1977.
- CARVALHO, Bernardo de A. A Globalização em Xequê. São Paulo: Sarai-va, 2000.
- CAIRES, Isaac de C. O Sistema Capitalista e a Globalização: mudanças conjunturais na modernidade. Revista da Fac. Gama e Souza, nº. 5, p. 75, jan/dez, 2005.